

O século XIX na pena de um cronista brasileiro: José de Alencar , política e imprensa

Ana Carolina Eiras Coelho Soaresⁱ - PPG-UERJ

O presente trabalho é um recorte da pesquisa realizada na elaboração de minha dissertação de mestrado defendida no PPGH/UERJ em 2003. Pretendo neste artigo propor algumas reflexões a respeito da trajetória intelectual e pessoal de José de Alencar para, através deste personagem do século XIX, compreender as sociabilidades estabelecidas entre os chamados literatos no Brasil Imperial.

Brasil 1829: Um país recém-independente, monárquico e escravista, que vivia dias turbulentos na política e na economia, com diversos focos de revoltas e tensões sociais devido às contradições e desgastes políticos do governo de Dom Pedro Iⁱⁱ. Em Mecejana, no Estado do Ceará, D. Ana Josefina de Alencar esperava o nascimento de seu filho com seu esposo, o senador José Martiniano de Alencar. A criança nasceu em 1º de Maio daquele ano e foi chamada de José. Neto, pelo lado materno, de D. Maria Xavier da Silva e do Capitão Leonel Pereira da Silva e, pelo lado paterno, do comerciante português José Gonçalves dos Santos e de D. Bárbara de Alencar, ilustre representante da história de Pernambuco, considerada uma matrona pernambucana consagrada heroína da Revolução de 1817. Filho de um dos senadores mais expressivos do Nordeste, não restavam dúvidas sobre um destino certo no cenário político e intelectual do Brasil, palco onde todos desta estirpe elitista, com maior ou menor relevo desempenhavam suas atuações.

Mas, em 1829, ninguém poderia adivinhar que o recém-nascido José de Alencar entraria para a história do Brasil como um dos maiores romancistas do século, considerado pela historiografia tradicional o pai da “literatura nacional”. Foi também um político bastante atuante em seu tempo, mas suas obras literárias e o correr de sua pena vivaz sobrepujaram em muito suas atuações no cenário político, sendo sua imagem associada desde então às proezas realizadas no âmbito da produção de escritos dos mais variados estilos: folhetins, romances, crítica literária, cartas, peças teatrais, crônicas de jornais, entre outros possíveis exemplos.

Penso que a melhor forma de entender um fato histórico seja contextualizar a situação retirando-a de um vazio fictício para inseri-la em um processo de acontecimentos cuja complexidade de interações permite uma visão mais completa do próprio fato. Assim, suponho que a forma mais coerente para analisar a produção literária de José de Alencar esteja em não apenas contextualizá-los dentro do momento histórico em que foram produzidos, mas também inserir na história o produtor destas obras. A criação depende diretamente da percepção do mundo de seu criadorⁱⁱⁱ. Daí a necessidade premente de perscrutar minuciosamente, os passos traçados por esta criança que cresce nas décadas de trinta e quarenta e inicia seus escritos nos anos cinquenta do século XIX, cuja estória pessoal, de uma certa maneira, imprimiu os sulcos diferenciais nesses trabalhos.

O romantismo, das primeiras décadas até meados do final do século dezanove no Brasil, foi gradativamente alcançando o espaço de movimento intelectual e literário mais significativo desse momento histórico assinalando a emergência de uma sociedade recém-independente.

No Brasil, porém o movimento romântico assumiu feições bastante específicas, sendo contemporâneo do processo de construção do Estado, e buscando dar base para a elaboração de uma literatura original em relação às tradições da antiga metrópole.^{iv}

E foi dentro deste espírito cultural literário, imbuído de uma preocupação em delinear novos hábitos e tradições para os cidadãos desta nova pátria que surgiu, que nasceu e viveu José de Alencar. Assim como nenhum homem vive fora da ótica de seu tempo, nenhuma obra nasce fora do olhar de seu criador. Por isso foi imprescindível, além de extremamente agradável posto que sempre agitada e cheia de pequenos detalhes, pesquisar a vida de José de Alencar desde pequeno.

Para falar sobre a vida de José de Alencar procurei atentar sempre ao fato que desde criança, e durante toda a sua vida, foi um homem “ligado às letras”^v. Aos onze anos de idade, o estudante do Colégio de Instrução Elementar já era o “ledor” oficial de sua casa. Senhoras ansiosas aguardavam as palavras do pequeno menino, centro de todas as atenções. Cedo percebera que todos os eventos dos romances lidos por ele eram motivos de comentários, fossem eles raivosos ou intercalados pelas lágrimas de compaixão ao herói

ou à heroína^{vi}. De certa forma, esta experiência infantil viria marcar profundamente a trajetória do escritor, conforme ele mesmo afirmou

Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária que é entre todas a de minha preferência?

Não me animo a resolver esta questão psicológica, mas creio que ninguém contestará a influência das primeiras impressões.^{vii}

Lia também jornais e cartas, mas eram os romances da “diminuta livraria romântica” particular, que aglutinava em sua casa quase todas as tardes, e por vezes noites, as vizinhas e amigas de sua mãe e tia^{viii}, atentas aos desenlaces da estória. O fato de ter poucos livros obrigava-o muitas ocasiões a relê-los, o que não parecia incomodar às mulheres, que a pretexto de ocuparem-se com trabalhos de costura, solicitavam a presença do menino ao que ele considerava “lugar de honra”.

Entretanto, acrescentava com certa ênfase, embora esta leitura cotidiana e contínua tenha contribuído deveras com a sua formação literária, somente foi capaz de tornar-se um romancista por ter herdado de sua mãe a “imaginação de que o mundo apenas vê as flores, desbotadas embora, e de que eu somente sinto a chama incessante”^{ix}. Fato este bastante interessante: na própria construção de sua imagem como escritor para o público, é menos importante ressaltar o quanto a leitura destes textos possa ter forjado estes moldes de escrita, e o quanto esta leitura possa ter contribuído para a sua percepção pessoal da realidade; a importância da sua “sensibilidade” é completamente atribuída a uma herança legada por sua mãe, ou seja, pela parte “feminina” de seu sangue. Apesar de não desenvolver esta questão neste momento, apenas resalto como na própria escrita autobiográfica “informal”, Alencar proporciona “pistas” sobre os conceitos arraigados em seus pensamentos, para que posteriormente possa refletir até que ponto a maneira como ele pensava a si próprio e o mundo à sua volta influenciaria seu modo de escrever, onde a lógica romântica de estruturação dos relacionamentos transbordava os limites do papel e tornava-se parte da vida das pessoas.

Desta forma, o romantismo literário tal qual se apresentava no Brasil do século XIX, surgiu no Ocidente como uma expressão proveniente das transformações sobre as formas

de recepção da leitura^x, e apresentou-se como o marco mesmo da origem e legitimação deste tipo de pensamento sentimental, que é base do gênero literário romântico, onde a lógica das atitudes humanas é explicada e revestida de uma melancolia saudosista, que explica o homem, suas atitudes e sua história, prioritariamente, pelas suas emoções.

Sobre as obras lidas naquele pequeno círculo de leitura, Alencar apontava nominalmente *Amanda e Oscar, Saint-Clair das Ilhas e Celestina*^{xi}, que

São novelinhas inglesas do fim do século XVIII, escritas por professoras inglesas, mas que chegaram ao Rio no vapor proveniente de Paris, já devidamente traduzidas e adaptadas pelos franceses.^{xii}

De acordo com Valéria De Marco constituem-se de “romances de segundo time”, sucesso de vendagem na época em que foram publicados, mas com uma estrutura narrativa episódica e teatral, repleta de tipos e lutas arquetípicas. Como não me competiu o viés de uma análise literária, esta ilustração me serviu no sentido de fundamentar e ter maior noção do teor das leituras feitas por Alencar em sua infância e adolescência, e que o marcou tão profundamente a ponto de referenciar-se a isto em um de seus últimos textos.

Outro fato bastante gravado na memória do autor foram as intensas atividades políticas desempenhadas por seu pai, o Senador José Martiniano de Alencar. Muitas foram as vezes em que os políticos da época reuniram-se na casa de Alencar para um debate de idéias e opiniões a respeito de acontecimentos contemporâneos e, até mesmo, para deliberar ações efetivas como, por exemplo, as diversas reuniões do clube da maioria, que acabou resultando na “revolução parlamentar da maioria” de Pedro II e a “revolução de 42”^{xiii}, que como Alencar afirma “saíram de nossa casa”. Desta revolução de 42, Alencar obteve seu primeiro contato com a experiência de escrita literária. Um amigo de seu pai, Joaquim Sombra, refugiado, hospedou-se em sua casa e, em uma de suas conversas sugeriu ao então jovem rapaz que escrevesse em um romance as aventuras vividas por ele durante a malfadada “revolução”. Este romance jamais foi publicado mas descortinou, para José, a possibilidade de criar suas próprias personagens e histórias, da mesma forma que outros criaram as que tanto povoaram sua infância. Revelou-se a oportunidade de deixar de ser apenas um leitor, ser também um escritor.

Em 1843, José de Alencar mudou-se para São Paulo para estudar na Faculdade de Direito, mas sua paixão pela literatura romântica^{xiv} crescia a cada dia. Na capital paulista, como ele mesmo relatou, diversos foram os autores que encantaram os olhos do rapaz. Entre os brasileiros, conheceu o autor Joaquim Manoel de Macedo com a obra *A Moreninha* recém-publicada. Já com os estrangeiros travou longos e divertidos intercursos com Balzac, Alexandre Dumas, Alfredo Vigny, Chateaubriand, Victor Hugo. Posto que seu francês era bastante limitado no início dessas leituras, houve a necessidade de criar estratégias para que a obra pudesse realmente ser lida e entendida perfeitamente.

Encerrei-me com o livro e preparei-me para a luta. Escolhido o mais breve dos romances, armei-me do dicionário, e tropeçando a cada instante, buscando significados de palavra em palavra, tornando atrás para reatar o fio da oração, arqueei sem esmorecer com a ímproba tarefa. Gastei oito dias com a *Grenadière*, porém um mês depois acabei o volume de Balzac; e no resto do ano li o que então havia de Alexandre Dumas e Alfredo Vigny, além de muito de Chateaubriand e Victor Hugo.^{xv}

Estas leituras “guerreiras” serviram para atizar ainda mais o amor pela escrita romântica considerada o “poema da vida real”^{xvi}. Em 1846, no auge de sua vida estudantil, participou da fundação de uma revista semanal, a *Ensaio Literários*, começando então com os primeiros escritos publicados do que viria a ser uma próspera carreira como jornalista. Cursando a faculdade de Direito em São Paulo, o jovem Alencar podia ser considerado um rapaz metódico e pouco afeito às farras e gazetas tão comuns do ambiente universitário.

Cinismo, barulheira e fumaça eram detestados pelos estudantes de pituitária mais sensível e gênio mais retraído. José de Alencar mantinha-se sempre à parte dessas manifestações. Detestava fumaçada e sentia-se deslocado em meio à algazarra infernal dos colegas. Nunca participou dessas farras.^{xvii}

Apesar de atribuir a si mesmo a compleição de um gênio taciturno e concentrado, explicando sua aparente introspecção, isto nunca o impediu de compartilhar as idéias românticas desses tempos propagadas pelos poetas estrangeiros, cujo ícone mais admirado tinha como representante o inglês Lorde Byron. Uma das diversões de Alencar era escrever poemas rasgadamente inspirados em seus autores prediletos, (Byron, Victor Hugo ou Lamartine) e colar nas paredes de seu quarto, assinando-os como se fossem de seus inspiradores. Enorme foi a satisfação sentida quando José Carlos de Almeida Arêas, o

futuro Barão de Ourem, leu um desses poemas e elogiou-o achando que tivera sido escrito pelo autor indicado no final. Infelizmente, estes arroubos juvenis foram apagados pela broxa do caiador que pintou a casa após a partida do autor!^{xviii}

Posteriormente, Alencar seria redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro* e também trabalharia no *Correio Mercantil*, onde publicaria muitos de seus romances mais notoriamente conhecidos como *O Guarani*^{xix} e *A Viúvinha*^{xx}.

Ao longo da trajetória política do escritor, as retaliações neste campo pagaram o preço do duelo literário, onde claramente José de Alencar com sua inteligência e capacidade retórica ganhava com folga de D. Pedro II, que como Imperador não devia, e talvez nem desejasse, ficar sendo confrontado publicamente, uma vez que corria o risco de ser vencido ou quando não, de ter sua autoridade minorizada.

O fato mais marcante talvez seja a exclusão do nome de José de Alencar, então ministro da justiça, para o Senado, retirado da lista sextupla, mesmo tendo sido ele o mais votado no Ceará, dentre os seis candidatos.

Cabia ao Imperador a escolha final, independente do resultado da votação, e o mesmo em conversa com José teria aconselhado que este não se candidatasse por considerar inadequado, já que ocupava uma pasta no ministério. Mas para o escritor as palavras do monarca não tinham a mesma importância que seus desejos pessoais. Para Alencar esta seria uma forma de coroar sua carreira política, seguindo os passos ilustres de seu pai, e achava natural e legítimo sua candidatura. Para o D. Pedro o fato de Alencar ter lhe procurado no Paço de São Cristóvão para comunicar sua decisão da candidatura foi encarado como momento de ter a liberdade de demonstrar sua insatisfação com tal atitude, afirmando que nada o impedia a concorrência, mas que ele não lhe aconselhava. Em outras palavras, que Alencar não o fizesse pois ele não o escolheria^{xxi}.

Na opinião de Capistrano de Abreu, as atitudes do escritor desvalorizaram-no

O Imperador alistou-o com os despeitados, atirou-o entre os limões chupados de Frederico II e nunca mais recebeu nada daquele lado.^{xxii}

Não falta na história da escrita literária citações a respeito destas brigas, cujos desenlaces nem sempre aconteciam de imediato e as estocadas eram estrategicamente

reservadas para o momento correto de fragilizar o oponente. Assim, José de Alencar apesar de durante toda a sua vida ter ocupado cargos públicos, como deputado e ministro da justiça, jamais teve o renome alcançado por seu pai. Como político foi um excelente escritor.

Os textos foram os maiores prodígios deste intelectual, repensando e criticando as questões emergentes da sociedade, como sua peça *O Demônio Familiar* que abordava os males possíveis do regime escravista, e as *Cartas de Erasmo*, onde abordou entre outros assuntos o tema da representatividade das minorias, através de uma reforma do sistema eleitoral do país. Proposta esta que estaria também bem delineada em dois tratados de sua autoria: *O Sistema Representativo* (1868) e *Reforma Eleitoral* (1874)^{xxiii}. A verve pulsante de sua pena foi o equivalente textual das atividades práticas vividas por seu pai, e de uma certa maneira o cenário dirigente do país prescindiu das atividades de ambos para o seu desenrolar.

Por isso, não se pode julgar a importância deste homem no cenário do Segundo Reinado sem ter em mente sua declarada insatisfação e ressentimento que sentia pelo alijamento sofrido no âmbito político. Julgo que sua atuação merece ser mesurada pela extensão da relevância de sua produção literária, atividade que alcançou extremo prestígio social e cujo campo de influência propagava suas perspectivas e valores sociais e políticos. Mesmo assim, sem ser da maneira que desejou, José de Alencar foi um grande político de seu tempo, legislando através de sua expressão romântica em jornais e obras.

Ao tentar esboçar o universo da vida de Alencar, além de poder conhecer um pouco melhor sobre o mundo experimentado pelo homem e escritor, pude também enriquecer minha percepção e compreensão sobre seus romances, e compreender idiosincrasias em uma primeira leitura superficial não poderiam ser percebidas.

NOTAS:

ⁱ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UERJ.

ⁱⁱ Entre outros exemplos pode-se citar a Guerra da Cisplatina (1825-1828) que causou um enorme derramamento de sangue e sacrifícios excessivos financeiros acarretando um saldo muito negativo à monarquia, servindo para agravar as oposições.

ⁱⁱⁱ Sobre este assunto consultar o trabalho de Michel de Certeau. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

^{iv} Do verbete “Romantismo”, da obra Ronaldo Vainfas (org.) *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 661.

^v Dentro da conjuntura nacional da época, pode-se considerar que José de Alencar estava inserido em uma pequena camada de privilegiados que por exemplo tinham acesso a escrita e leitura. A relação de objetos domésticos e livros de José de Alencar já nos seus últimos anos de vida, publicados no *Jornal do Commercio* de 21 de Dezembro de 1875, permite se outros motivos – eu não mais encontrasse, perceber que o escritor vivia cotidianamente dentro de um padrão abastado socialmente.

^{vi} Sobre este assunto o texto do autor: José de Alencar. *Como e porque sou romancista*. Em *Obras Completas*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959, v. I.

^{vii} *Id. Ibidem*.

^{viii} Há um episódio engraçado que Alencar conta em *Como e porque sou romancista*, que em uma dessas leituras as mulheres estavam tão envolvidas e emocionadas com as histórias que se puseram a chorar. Neste momento seu tio, o reverendo Carlos Peixoto de Alencar, chegou a casa e muito preocupado indagou se alguma desgraça havia sucedido, ao que responde o menino também tomado pela tristeza: “Foi o pai de Amanda que morreu!”. O tio obviamente vendo o livro aberto, atinou o motivo daquela comoção e pôs-se a rir em alto e bom som, divertindo-se com a situação. Decerto, deve ter sido uma cena novelesca e tanto.

^{ix} *Id. Ibidem*.

^x Os modos de recepção da leitura romântica correspondem ao que Roger Chartier chamou de “fúria da leitura”, surgido com o modelo de leitura da doutrina iluminista e substituiu a recepção autoritária e acadêmica por modos individuais e emocionais. De acordo com o autor: “Com isso teve início um estágio especialmente contundente e virulento, que se estendeu por décadas na história da leitura: o estágio da leitura “sentimental” e “enfática”. Essa leitura se situava no campo de tensão entre a paixão individual, isolada da sociedade e das pessoas ao redor, e a fome de comunicação sobre a leitura e por meio .” Roger Chartier, *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1999, v. 2, p. 146.

^{xi} No livro *Folhetim* de Marlyse Meyer encontram-se preciosos comentários sobre estes romances-folhetins.

^{xii} Valéria De Marco. *O Império da Cortesã*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 7.

^{xiii} Esta “revolução” refere ao movimento de reação liberal de 1842 em face da disputa política das facções conservadora e liberal no poder. O grupo de Aureliano de Sousa Coutinho, dirigente do Clube da Joana, conservador, solicitou a dissolução da Câmara dos Deputados ao Imperador, alegando esta ter sido eleita nas “eleições do cacete”. O Imperador acabou por ceder às pressões conservadoras, gerando uma profunda insatisfação na facção liberal que reconhecia nesta destituição e numa série de leis “centralizadoras”, um processo regressista operado no governo. As revoltas ocorreram em São Paulo e Minas Gerais, mas não duraram por muito tempo, terminando no mesmo ano.

^{xiv} Acredito que esta paixão tenha se mantido durante toda a sua vida. No itens dos livros de seu leilão por exemplo encontrei referências de cerca de 31 volumes de romances, poesias distribuídos em diferentes lotes, além de um lote que conteria 8 volumes de “sciencia e literatura”. Um dos lotes de romances constava de alguns volumes da Tesouro da Mocidade que foi uma publicação do século XIX destinado aos jovens cujo conteúdo e mensagens editados estavam em consonância com a moral estabelecida pela “boa sociedade” sobre o que seria apropriado para a leitura das crianças e adolescentes na época. Era essencialmente uma espécie de “gibi” com seções de folhetins e variedades.

^{xv} José de Alencar. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959, v. I, p.139.

^{xvi} Sobre a relação entre as experiências literárias de sua infância e adolescência e a consolidação de uma preferência estilística, há um parágrafo no texto seguinte que demonstra isto claramente. Cabe lembrar que esta estrutura francesa refere-se à técnica da escrita do romance, não à realidade daquela sociedade: “A escola francesa, que eu então estudava nesses mestres da moderna literatura, achava-me preparado para ela. O molde do romance, qual mo havia revelado por mera casualidade aquêle arrôjo de criança a tecer uma novela com os fios de uma ventura real, fui encontrá-lo fundido com a elegância e beleza que jamais lhe poderia dar.” (*op. cit.* p. 139)

^{xvii} Ubiratan Machado. *A Vida Literária durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 164.

^{xviii} Sobre este episódio consultar a descrição hilária feita por Ubiratan Machado na obra citada na nota precedente.

^{xix} O romance *O Guarani* foi editado pela primeira vez em janeiro de 1857, tendo sido anteriormente publicado em folhetim pelo *Diário do Rio de Janeiro*. A edição do romance e sua publicação na imprensa aconteceram justamente, e não por acaso, no período da querela da Confederação dos Tamoios, importante marco intelectual para Alencar e sua obra de cunho indigenista.

^{xx} Em janeiro de 1857 o *Diário do Rio de Janeiro* publicou a *Carta a D*, uma introdução ao romance *A Viúvinha* que em seguida começou a ser publicado em folhetins, mas teve sua publicação interrompida em fevereiro do mesmo ano. Somente em 1860, o romance teve sua primeira edição. Uma das possíveis explicações para a suspensão temporária da escrita desta obra fosse a intensa atividade literária de romances e peças teatrais que o autor escreveu neste período, além do início de sua atividade política, tendo assumido o cargo de Chefe da Secretaria do Ministério da Justiça em 1859.

^{xxi} Esta estória consta na carta escrita por Alencar para o Visconde de Itaboraí em 14 de junho de 1869 e está no livro de Raimundo de Menezes. *Cartas e Documentos de José de Alencar*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1965.

^{xxii} Capistrano de Abreu. *Fases do Segundo Império*. IN: *Estudos e Ensaios. Crítica e História*. 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 81.

^{xxiii} Tais escritos podem ser lidos na obra de Wanderley Guilherme dos Santos. *Dois Escritos Democráticos de José de Alencar*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1991.